



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JOZENEIDE FERREIRA MARCOLINO

**LEITURA E ESCRITA:
UMA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

JOZENEIDE FERREIRA MARCOLINO

**LEITURA E ESCRITA:
UMA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Risomar Alves dos Santos.

CAJAZEIRAS - PB

2009



M3211 Marcolino, Jozeneide Ferreira.
Leitura e escrita: uma construção de sentidos /
Jozeneide Ferreira Marcolino. - Cajazeiras, 2009.
47f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Escrita e leitura. 2. Alfabetização. 3. Processo de
leitura- desenvolvimento. 4. Cultura letrada. I. Santos,
Risomar Alves dos. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.016:003-28-31

JOZENEIDE FERREIRA MARCOLINO

LEITURA E ESCRITA: uma construção de sentidos.

Aprovada em: 27/02/09

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Paulo', is written over a horizontal line. The signature is stylized with a large loop at the top and a long horizontal stroke at the bottom.

Dra. Risomar Alves dos Santos

CAJAZEIRAS-PB

2009

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente [...] que age sobre o real para fazê-lo seu.

Emília Ferreira, 2001

RESUMO

Este trabalho tem por título LEITURA E ESCRITA: uma construção de sentidos, apresentado como requisito parcial no término do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, na cidade de Cajazeiras-PB. A escolha do tema deu-se por levar em consideração minha identificação com as especificidades das práticas de leitura e escrita, relevantes para minha construção docente. Daí ter surgido o interesse de pesquisar e estudar sobre o assunto, para isso foi levantada uma questão problema, que consistia em saber em que estágio de desenvolvimento da leitura e interpretação de textos estão os alunos. Para responder essa pergunta foram apresentados os seguintes objetivos: compreender o nível de desenvolvimento do processo da leitura, da escrita e interpretação dos alunos, analisar em que estágio de leitura e escrita os alunos se encontram. Nesse estudo exponho como as crianças constroem seu conhecimento sobre a escrita, por serem sujeitos ativos e interagirem com o meio em seu desenvolvimento cognitivo. Como instrumento de coleta de dados foram utilizados textos de leitura e atividades escritas, que depois foram analisados levando em consideração as palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas, polissílabas e dígrafos, que os educandos tiveram dificuldades ao pronunciarem e ao escreverem. Essas falhas ao serem analisadas, eram confrontadas com teóricos como: Lemle (1994), Soares (2006), Ferreiro (1985), Kleiman (1998), Grossi (1990), dentre outros. Por último apresenta-se uma análise crítica do estágio desenvolvido na Escola Municipal "Nossa Senhora do Rosário" e as considerações finais, em que apresento algumas críticas e sugestões para os futuros estudos.

Palavras-chaves: alfabetização, hipótese, leitura, escrita, cultura letrada.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| CAPÍTULO I | |
| 1. Como às crianças constroem hipóteses..... | 9 |
| 1.1 Leitura: uma viagem ao mundo encantado..... | 15 |
| 1.2 Exigências de uma cultura letrada..... | 18 |
| 2. Metodologia..... | 23 |
| 3. Análise dos Dados..... | 26 |
| 3.1 Caracterizando a Escola Pesquisada..... | 36 |
| 3.2 Analisando o Estágio Supervisionado..... | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 45 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 48 |
| ANEXOS..... | 50 |

INTRODUÇÃO

Para esse trabalho da monografia o critério utilizado foi a identificação, assim surgiu o interesse de pesquisar e estudar para um aprofundamento do assunto, pois na cultura letrada é preciso dominar as práticas de leitura e escrita para que o sujeito ascenda socialmente. Para alguns, o tema pode ser repetitivo e banal, ao levar em consideração que muitas pessoas escreveram sobre o assunto, porém devido a sua relevância para a educação achei por bem pesquisar e conhecer um pouco mais essas práticas necessárias para as pessoas.

Este trabalho pautou-se nos estudos do livro Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que tornou-se um marco nos estudos da gênese da escrita das crianças, de como chegam à escola com o conhecimento acerca da língua, além de serem construtoras do próprio saber em que são vistas sob a perspectiva de um ser pensante, e não de uma tábula rasa, o qual o professor deposita os conteúdos.

Além de Ferreiro e Teberosky, outros teóricos contribuíram efetivamente para a essência das idéias contidas nesse trabalho, como Soares (2006), Grossi (1990), Tfouni (1997), Lemle (1998), Vigotsky (1994) dentre outros. Sem uma fundamentação teórica torna-se difícil desenvolver qualquer trabalho, seja qual for à linha de pensamento a ser seguida, para isso, faz-se necessário uma pesquisa relacionada ao tema a ser estudado para ter segurança ao expor os argumentos. Por essa razão a minha pergunta de pesquisa é:

Em que estágio do processo de desenvolvimento da leitura e escrita de textos estão os alunos?

Para responder a esta pergunta, apresento os seguintes objetivos:

Compreender o nível de desenvolvimento do processo da leitura, da escrita e interpretação dos alunos;

Analisar em que estágio de leitura e escrita os alunos se encontram.

Para responder aos objetivos propostos, este trabalho está assim constituído: uma introdução, um capítulo teórico, com suas respectivas subdivisões, em que no primeiro tópico é abordado como as crianças constroem hipóteses para

compreenderem a escrita, as quais ao longo da maturação passam por quatro níveis: pré-silábico; silábico; silábico-alfabético e o alfabético, com características bastante distintas, no segundo tópico apresento a leitura como uma viagem ao mundo encantado, que deve ser estimulada desde cedo nas crianças para desenvolver a competência leitora, transportando-as ao mundo de magia e encanto das aventuras, bem como as alegrias e conflitos de seus personagens e no terceiro tópico, exigências de uma cultura letrada, mostra que na sociedade letrada as pessoas que dominam o código escrito são poderosas, quem não tem acesso sofre com o preconceito e estão à margem. No segundo capítulo descrevo o percurso metodológico em que o instrumento utilizado foi uma pesquisa qualitativa com a aplicação de testes de leituras, tomando por base os utilizados por Emília Ferreiro. Os testes constavam de um parágrafo, outro de dois parágrafos e um texto de uma lauda, para saber em que nível de leitura e escrita os alunos se encontravam, os quais os educandos, inicialmente, liam e depois eram perguntados se entenderam o que leram, no terceiro analiso os dados coletados, nos quais foram destacadas as palavras *monossílabas*, *dissílabas*, *trissílabas*, *polissílabas* e *dígrafos* as quais os aprendizes tiveram dificuldades em pronunciar, como também os verbos *cantara* e *falara* no pretérito-mais-que-perfeito e o advérbio *mais*, que foi trocado pela conjunção *mas*, bem como faço a caracterização da escola e analiso a experiência realizada durante o estágio supervisionado.

1. Como às crianças constroem hipóteses sobre a escrita

Este trabalho apresenta como base de sustentação os estudos de FERREIRO (1985, p. 15), que considera a alfabetização como sendo um "processo e forma mediante as quais a criança chega a aprender a ler e a escrever."

Até a alfabetização está consolidada as crianças percorrem um longo caminho, no qual constroem hipóteses na tentativa de compreender a escrita, nesse trajeto é inevitável o surgimento de conflitos que caracterizam a passagem de um nível para outro, que se inicia com a hipótese pré-silábica marcada pela quantidade mínima de dois ou três caracteres diferentes para escrever. Posterior a criança avança para a hipótese silábica sem valor sonoro, não existe correspondência entre som e letra, enquanto que a silábica com valor sonoro há uma relação entre o som e a letra da palavra. A silábico-alfabética constitui-se na transição da hipótese anterior para a seguinte, os aprendizes mesclam elementos das duas, e finalmente na hipótese alfabética o aprendiz compreende a relação que existe entre som e letra, porém ainda comete erros ortográficos. Cada nível apresenta dificuldades que gradativamente são superadas até que atinjam o desenvolvimento cognitivo. (FERREIRO, 1985)

Os processos que envolvem a aprendizagem da escrita é algo complexo, às crianças apresentam diferentes níveis, que perduram por toda alfabetização. Ao ingressar na escola possuem concepções próprias sobre a escrita que difere umas das outras, algumas por terem experiências com materiais, atos de leitura e escrita conseguem aprender mais rápido, as que pertencem às classes pobres podem apresentar a aprendizagem prejudicada pelo pouco recurso que detêm. O professor precisa ter um olhar atento para fazer o diagnóstico do nível em que a criança se encontra, e ajudá-la a superar os conflitos que envolvem essa fase, tão importante para o desenvolvimento cognitivo e pessoal do indivíduo, como afirma Grossi (1990c, p. 07): "... conhecendo-se cada vez mais profundamente como se constrói a aprendizagem da leitura e da escrita, melhor será de planejar e organizar os trabalhos de aula...".

O professor das séries iniciais tem uma tarefa árdua, porém, gratificante, precisa aliar teoria e prática para conduzir o trabalho de modo que todos superem os obstáculos que surgem ao longo da alfabetização, por meio de um planejamento

criteroso, com atividades diversificadas que desafiem os alunos a assimilarem o sistema de escrita, fazendo-os superarem o conflito de não saberem lê e escrever inicialmente, para mais tarde dominar a linguagem escrita, de acordo com Ferreiro (2001, p. 16): "... os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas..."

As crianças ao chegarem à escola, trazem consigo um conhecimento da língua materna, mesmo que não saibam ler empregam esforços para entendê-la como a concebem, o que torna-se um desafio. Para muitos suas produções não têm nenhuma significação, principalmente se o aprendiz encontra-se na fase das garatujas em que a "escrita", parece indecifrável, mas para elas estão carregadas de significados, evidenciando como ocorre mentalmente o processo da escrita. Assim muitos educadores desconhecem como as crianças sistematizam a escrita e querem que reproduzam o modelo idealizado por eles, algumas vezes, de maneira errônea e distorcida da realidade, o que torna difícil a compreensão das produções dos alunos. A aprendizagem da escrita é rica de detalhes, na qual as crianças demonstram originalidade, fazendo uso de construções inteligentes e sistematizadas em suas produções, criam sua própria linguagem, nas quais muitos adultos não entendem como se organiza o pensamento dos aprendizes e como constroem hipóteses.

Quando a criança pega uma folha de papel, um lápis, e começa a fazer bolinhas e rabiscos esse momento é muito importante, são ensaios de escritas que o aprendiz entre dois e três anos faz ao presenciar algo semelhante em casa, porém em que momento ocorre à interpretação da *escrita*, ninguém sabe ao certo. O problema é que tanto os professores como os pais, não compreendem o que passa na mente das crianças, e não sabem interpretar o que elas fizeram. Tratam aquelas bolinhas e rabiscos de forma muito simplista ou sem nenhuma importância, o que não são. Esses momentos devem servir para que os adultos possam trabalhar com atividades que enriqueçam os conhecimentos das crianças, como afirma Teberosky (2003, p. 49): "... de acordo com as hipóteses infantis iniciais, a escrita representa os nomes dos objetos e das pessoas..."

Crianças muito pequenas, nascidas em um ambiente rico de materiais impressos, desde cedo estão acostumadas a brincarem de escrever, produzem escritas que somente elas sabem lê. Em sua concepção, a escrita tanto pode

significar o nome dela ou de alguém próximo, como também pode ser o nome de um animal ou objeto que conhece. Para ela a escrita representa o tamanho da pessoa ou do objeto, pois ao pedirmos para que escreva o nome **urso**, ela diz que a escrita do nome é grande, ao fazer isso toma por base o tamanho do animal e não a quantidade de letras na palavra.

No nível pré-silábico, duas características são relevantes: a diferença entre letra e desenho e a escrita do próprio nome. Se apresentar a criança um texto e um desenho, ela aponta para o texto como “algo que serve para ler” e indica o desenho como algo que serve “para olhar ou para ver” (FERREIRO, 1985, p. 47). Ao agir dessa maneira o aprendiz procura lê a realidade por meio de figuras gráficas, pensa que as imagens de alguma maneira representam a realidade, sem dar-se conta que o mesmo pode ser feito com os rabiscos na folha de papel. A distinção que as crianças fazem entre um texto e um desenho é incompreensível para os adultos, porém o que ocorre é que ao olharem para um texto observam que esse apresenta uma quantidade mínima de letras que se combinam e alternam entre si, apesar de conhecerem poucas letras simulam um ato de leitura. Essa interpretação entre o escrito e o não escrito ocorre antes do aprendiz saber ler e escrever de forma convencional.

Outro fator relevante nessa fase é a escrita do próprio nome que serve de referência para compreender a escrita. O nome da criança é uma estratégia importante para levá-la a entender a quantidade de letras, a posição e ordem do nome, identifica pessoas e mostra que a inicial do seu nome é igual a do colega. Além de ser um ótimo recurso, que difere do método tradicional, em que a criança precisa cobrir letras pontilhadas e decoradas com objetos relacionados à letra que estão treinando, para conhecer o alfabeto, um método que se baseia no treino das letras, torna-se arbitrário do ponto de vista metodológico, no qual a criança associa a vogal **A**, ao desenho de um avião, por exemplo. Ao repetir continuamente as mesmas tarefas o exercício é pouco eficaz por não inserir a criança no mundo da escrita.

É lamentável que ainda hoje, com tantas mudanças educacionais, existam escolas que utilizem exercícios de prontidão, como: cobrir letras tracejadas, ligar um objeto a outro, limitando a alfabetização ao desenvolvimento da coordenação motora, que distorce o real sentido da alfabetização. É importante levar o aprendiz a

compreender que a escrita é a representação da linguagem, até que esteja consolidada passa por muitos desafios, que ao invés de fazer uso de métodos inadequados para alfabetizar as crianças, deveriam estimular a criatividade dos alunos na produção de escritos desde o início da escolarização.

Nesse tipo de ensino, a criança é vista por uma ótica empobrecida, não leva em consideração o aprendiz como um sujeito cognoscente. Ou seja, a criança é um ser pensante que constrói o conhecimento e formula hipóteses acerca da leitura e acerca da escrita de maneira original e espontânea. Quando o aprendiz é visto pela ótica de um ser ativo que procura compreender o mundo ao redor, tira o foco da aprendizagem da escrita que seria da escola e transfere para o aluno que aprende a utilizar à escrita, que de acordo com Teberosky (2003, p. 45): "... essas hipóteses se desenvolvem quando a criança interage com o material escrito e com leitores e escritores que dão informação e interpretam esse material escrito."

À medida que a criança tem acesso a livros, revistas, jornais, rótulos, folhetos, entre outros, tem o interesse pela leitura e escrita despertadas, por conviver num ambiente letrado é estimulada constantemente, ao ver o pai lendo ou comentando uma notícia de jornal, quando a mãe utiliza uma receita para preparar uma refeição. Essas ações contribuem efetivamente, para que a criança se familiarize com a diversidade de textos existentes e tenha um repertório lingüístico ampliado, favorecendo a produção de textos variados.

Em outro extremo, vê-se crianças que tem pouco acesso a textos, terem suas práticas de leitura, escrita e produção prejudicada pela pouca informação que detém como recurso lingüístico, o contato com textos escritos e orais são poucos e insuficientes para desenvolver as competências que a sociedade exige dos seus membros, muitas vezes, essas práticas estão restritas a escola e nem sempre são trabalhadas de forma adequada que levem os alunos a entenderem esse processo.

A passagem do nível pré-silábico para o silábico é caracterizada pelo avanço da criança no sistema de escrita, o traço mais característico dessa fase é a segmentação que o aprendiz faz das palavras, como ao escrever a palavra **ca-va-lo**, escreve C V L, por exemplo, para cada letra pronunciada corresponde a uma sílaba, percebe-se que há um conflito, o que foi escrito não pode ser lido por ninguém nem mesmo por ela, naquele momento o aprendiz fica satisfeito com o que produziu, aos poucos percebe que para escrever é necessário uma quantidade

mínima e uma seqüência contínua de letras, gradativamente a criança compreende que sua hipótese estar incompleta, sem que seja necessário o professor dizer que sua escrita contém erro, que segundo Grossi (1990b, p. 13) "... a conquista dessa estabilidade se faz por meio de um trabalho amplo com a escrita de *muitas* palavras significativas..."

As atividades utilizadas pelos professores devem estar inseridas no contexto dos alunos no qual um ambiente rico de recursos materiais motive e desafie os educandos a comprovarem suas hipóteses e favoreça a aprendizagem sobre a escrita, de maneira que os aprendizes escrevam exaustivamente silabicamente, para depois fazê-lo superar os obstáculos, possam ampliar o vocabulário e terem a inserção de novas palavras ao seu universo, porém o educador deve ter o cuidado ao escolher as atividades para que estas não sejam mecânicas e repetidas, desprovidas de um objetivo que é a superação do conflito e procurar respeitar o nível de cada um. De posse desses elementos o educador terá uma proposta pedagógica bem sucedida.

Nessa fase a escrita do nome da criança continua a representar algo importante, ao escrever seu nome procura associar a inicial com segmentos escritos de palavras até então desconhecidas, compreende com isso, que outras palavras podem ser escritas com a mesma letra, descobre que a linguagem escrita é a transcrição do discurso oral. Para que esse processo ocorra é preciso que em sala de aula o professor use várias atividades com materiais escritos para a construção de novos saberes, tornando a alfabetização cheia de possibilidades para uma aprendizagem significativa.

Na fase silábico-alfabética a criança caminha para superar a hipótese silábica, ainda enfrenta o conflito da quantidade mínima de letras para escrever, em alguns momentos produz escrita silábica, para em outros produzir alfabética, compreende que a escrita está diretamente ligada a fala, mas não significa que possa escrever as palavras de maneira convencional, como mostra o exemplo da palavra **pato**, escreve **AO**, ao agir dessa forma faz uma ligação entre a primeira sílaba e a letra correspondente, também busca combinar vogais ou consoantes para entender os sons das palavras, sua escrita ainda não tornou-se compreensível para as pessoas, porém o professor deve trabalhar com atividades em que os alunos confrontem suas

hipóteses com o modelo apresentado e sigam na direção de avançar para outro nível.

Na hipótese alfabética a criança consegue fazer a relação entre grafema e fonema, ainda comete erros ortográficos, como por exemplo, ao escrever a palavra **camizeta** ela tem consciência da conexão que existe entre a escrita da palavra e a pronúncia, os erros que comete são de ortografia, com a ajuda do professor esses obstáculos serão removidos, pois um trabalho interessante de ser feito em sala é colocar crianças com níveis próximos para atuarem juntas para que a alfabetização seja concretizada, como aponta Grossi (1990c, p. 24): "... somente no nível alfabético uma vinculação mais coerente consegue ser estabelecida entre leitura e escrita que, até então, tinha laço esporádico,...".

Nessa fase as crianças atingiram maturidade cognitiva que antes não tinham, depois de superarem os conflitos que cada nível exige, conseguem compreender a relação que existe entre a pauta sonora e a escrita que antes não conhecia. De posse da *descoberta* acontece o que todos desejam desde que entram para a escola, começam a ler e escrever, agora não mais pela mediação dos adultos, mas graças aos esforços que empregaram para compreenderem o sistema de escrita.

A forma que as crianças concebem a escrita é muito particular, existem fatores internos e externos que podem ajudar ou retardar esse processo, como o fato de cada uma ter um ritmo para aprender. O nível sócio-econômico é um fator predominante para fazer com que tenham esse processo retardado, devido a pouca estimulação que tiveram, encontram-se em desvantagem com relação às outras crianças, que têm contato com materiais escritos diversificados e conseguem evoluir mais rápido no aprendizado da escrita. Assim a escola como agente do saber é a grande responsável em contribuir para a inserção da criança no mundo da escrita, que para muitas é o único meio de ter acesso. Igualmente o educador tem a responsabilidade de disponibilizar uma variedade de textos, dentro de um contexto em que os alunos saibam utilizar no dia-a-dia.

1.1 Leitura: uma viagem ao mundo encantado

Quando se fala em leitura logo vem à mente as histórias que encantam crianças, adultos e idosos em todo o mundo. Os contos da literatura infantil, escritos pelos irmãos Grimm como *Branca de Neve e os sete anões*, *a Bela Adormecida*, *os Músicos de Bremen*, entre outros. Mesmo escritos há muitos anos conseguem cativar a todos com magia e encanto, fascinam aos pequenos, com as aventuras, conflitos, alegrias e tristezas de seus personagens, que precisam vencer os obstáculos que a vida lhes impõe para conseguir ser felizes. E como não lembrar da célebre frase *foram felizes para sempre*, que deixa nas crianças gostinho de quero mais e pedem aos pais ou professores para contarem e recontarem as histórias inúmeras vezes, sem perder o interesse. O contato com enredos diversos leva as crianças a desenvolverem valores importantes para a construção da identidade, além de despertar a função simbólica, em que externam sentimentos e emoções por meio da imaginação e fantasia, conseguem apreender características dos personagens e trazer para seu mundo, (VYGOTSKY, 1994).

As histórias de literatura infantil levam às crianças a reviverem seus conflitos, no qual imaginam que são um dos personagens e procuram viver sua história. Ao agir dessa forma tenta compreender a realidade que a cerca, por meio da substituição do real pelo irreal, esse jogo simbólico é importante para o desenvolvimento cognitivo nas crianças, serve para ensinar valores como o bem, o mal, bonito, feio, verdades e mentiras, além de contribuir efetivamente para a apropriação da leitura e da escrita, fazendo com que no futuro sejam leitoras. Esses valores serão possíveis quando os adultos conseguirem despertar a criança para o mundo letrado, que segundo Teberosky (2003, p.19) "... nas famílias onde ocorre o que denominamos **práticas de leitura**, os adultos contribuem para o desenvolvimento do conhecimento sobre a escrita e sobre a linguagem escrita...".

Ao participar da alfabetização das crianças, a família deve servir de modelo, através de atos de leitura ela estará estimulando-as a se familiarizarem com o universo dos livros, fazendo com que desenvolvam a linguagem. Assim nesse processo os pais e avós são mediadores na aquisição de habilidades como ler e escrever. As crianças que desde cedo têm contato e manuseio com livros estão

propensas a tornarem-se leitoras proficientes no futuro, para isso precisam lê livros variados para que tenham essas competências desenvolvidas.

As crianças menores, por meio das histórias lidas em voz alta pelos adultos, conseguem interagir, apreciar as ilustrações, virar as páginas dos livros e simular uma leitura silenciosa. Repetir a história várias vezes é importante para a memorização, faz com que ela faça a ligação entre o imaginário e o real. A leitura nessa fase tem a função lúdica, os pequenos brincam, divertem-se e imitam os adultos ao contarem as histórias, a partir do jogo do faz-de-conta a criança adentra num universo rico de possibilidades de aprendizagens, no qual os adultos são responsáveis ao ensinar sobre a vida, cultura e ética. Estimular a leitura em crianças pequenas é um caminho para torná-las futuras leitoras, como aponta Martins (2006, p. 15) “... aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para ir além dele...”.

A leitura para as crianças na faixa etária entre dois e três anos é importante, pois as coloca em contato com a linguagem oral e escrita (TEBEROSKY, 2003), que se dá por meio da interação com os adultos. Em um primeiro momento ele pergunta sobre uma ilustração ou algum trecho do livro que chamou a atenção e num segundo momento o pequeno responde o que lhe foi perguntado, como também pode fazer perguntas para que o adulto responda, estabelecendo um diálogo entre ambos, esses momentos são propícios para seu desenvolvimento, ajudá-los na capacidade de se concentrarem numa atividade por mais tempo é necessário que a linguagem do enredo seja simples para que entendam o que está sendo contado. As ilustrações devem ser grandes com poucos detalhes, para que atraia a atenção, assim o contato com os livros estimula a memória, a capacidade de estruturar as informações e amplia o vocabulário. Através dessas práticas elas são estimuladas a se prepararem para o aprendizado de novos conhecimentos, como afirma Teberosky (2003:20): “... ao compartilhar a leitura de um livro com as crianças pré- escolares não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem...”.

Nessa idade a forma como a história é contada, está carregada de um forte apelo emocional, os adultos utilizam estratégias para desenvolverem valores morais, culturais e sociais importantes para as crianças. Mesmo que não entendam todo o enredo por apresentar alguma complexidade no desenrolar da trama conseguem

demonstrar interesse ao escutá-lo, porém o contador de histórias deve levar em consideração algumas técnicas na sua narração, viver a história que está contando para que a criança seja contagiada pela emoção e sensibilidade, a entonação da voz deve ser firme e natural deixando transparecer emoções, as expressões faciais são usadas para enfatizar sentimentos das personagens e leva a criança a aprender de forma lúdica.

Em sala de aula um recurso interessante para ser usado com os pequenos é o exercício da oralidade, no qual eles contam às histórias que aprenderam por meio da memorização, produzindo seus próprios textos, enquanto que, o professor exerce a função de escriba escreve o texto que as crianças estão contando. Essa prática torna-se benéfica, pois trabalha competências importantes no desenvolvimento escolar como a memorização e o ditado, nos quais os educandos aprendem a diferença entre leitura e escrita, linguagem oral e escrita e a selecionar idéias do texto.

Seja em casa ou na escola, deve haver uma preocupação dos pais e professores com a qualidade e variedade de material, para serem utilizados com as crianças na hora da leitura. A diversificação de títulos, como cartazes, folhetos, receitas, manual de instrução, livros, revistas, jornais, gibis, entre outros, constituem-se excelentes recursos para os aprendizes se familiarizarem com os gêneros textuais, que servem para ampliar o conhecimento de mundo, aumentar o repertório lingüístico e desenvolver a competência leitora.

Para o ato de leitura ser eficaz é preciso que o material esteja organizado de maneira que as crianças tenham acesso sem muitas dificuldades, bem como o tempo em que estão em contato com esses materiais é importante para criar um ambiente propício para a aprendizagem. Quanto mais amadurecem, tornam-se seletivas com as leituras que fazem, algumas conseguem realizar intervenções mais extensas, entendem melhor as histórias que lhes são contadas, pois o mundo ao redor consegue despertar-lhe o interesse. Assim é preciso que o professor trabalhe de maneira que a leitura seja cada vez mais incorporada na rotina de sala de aula.

A leitura na fase adulta se distancia muito da que é feita em outras etapas da vida, as pessoas por terem atingido maturidade psicológica acionam mecanismos cognitivos para compreendê-la, não precisam fixar os olhos em todas as palavras para entender o texto, um leitor autônomo ler mais rápido do que um iniciante. Como

a complexidade dos textos são maiores, é necessário que o leitor utilize estratégias diferenciadas para cada leitura que é feita, pois não existe uma única leitura autorizada, mas várias, assim os conhecimentos prévios que possuem ajudam na compreensão dos textos, à medida que o leitor lê constrói sentido para a leitura, como declara Kleiman (1998, p. 49): "... a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre leitor e autor...".

Esse ato se difere entre indivíduos porque cada um tem propósitos diferentes ao ler, para que a leitura faça sentido, é necessário o uso de algumas ferramentas, como interpretação, inferências, entre outras, em que o leitor reconhece o sentido das palavras para que compreenda o que lê, estabelecendo um diálogo com o autor. O leitor ativo é aquele que usa não apenas uma, mas várias estratégias para as leituras que faz, quando não entende o texto ele aciona outras até que seja possível dar sentido para sua leitura, para desfrutar de uma viagem de infinitas possibilidades.

O incentivo a leitura deve começar desde cedo, tanto em casa como na escola, para que as crianças tenham o comportamento leitor desenvolvido e sejam capazes de embarcar num mundo repleto de magia.

1.2 Exigências de uma cultura letrada

A atual sociedade é denominada *sociedade do conhecimento*, essa designação surgiu a partir das mudanças tecnológicas que foram ocorrendo nos últimos anos e como consequência de uma política de expansão dos países desenvolvidos, dando lugar à forma mais cruel de sobrevivência do capitalismo selvagem o neoliberalismo, que por um lado centraliza o poder e descentraliza os setores considerados de extrema necessidade para as pessoas lançando para a sociedade civil responsabilidades que são do Estado, como saúde, habitação, infraestrutura, lazer, educação, entre outros (FRIGOTO, 1985). Com essas alterações, surge no campo educacional uma nova nomenclatura para designar o conhecimento que é a do *capital humano*, no qual é exigido dos indivíduos alto grau de

conhecimento, que sejam criativos e produtivos no trabalho, participem de cursos de capacitação para desempenharem funções com competências.

Em alguns segmentos da sociedade esses saberes tomaram grandes proporções, como nas grandes empresas que escolhem os profissionais mais preparados para exercerem cargos que exigem capacidade de liderança, trabalho em equipe, senso crítico, saber falar outros idiomas, para competir num mercado de trabalho exigente e seletivo (FRIGOTO, 1985), no qual as pessoas precisam a todo custo se adequarem às novas transformações, porém a escola parece que ainda, não despertou para as mudanças que estão ocorrendo em escala global e permanece com práticas ultrapassadas que necessitam de uma reestruturação para que os sujeitos façam uso delas de forma eficaz, que segundo Soares (2006, p. 29): “... dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e escrever, mas também fazer uso dela, incorporando-a no seu viver...”.

Antigamente uma pessoa freqüentava a escola, aprendia ler, escrever e contar, era suficiente para seus familiares e a sociedade, principalmente para as camadas menos favorecidas que passam por problemas sérios como pobreza, fome, doenças, entre outros. Hoje a realidade é outra, são exigidos cada vez mais das pessoas que mobilizem saberes, desenvolvam competências para se firmarem como bons profissionais, sem essas características há desvalorização da mão-obra e o resultado é o que se tem visto o aumento de subempregos. Assim na atual conjuntura, saber ler e escrever tornaram-se sinônimo de incompletude, pois exige-se que os indivíduos sejam capazes de fazer uso da leitura e da escrita nas diversas situações do cotidiano, que sejam pessoas que tenham senso crítico.

Para isso, a instituição escolar deve desempenhar um papel fundamental nas mudanças na área educacional, ela precisa envolver os alunos num contexto em que estejam em contato com práticas de leitura e escrita e fazer com que os alunos tornem-se leitores e escritores autônomos, que saibam fazer inferências ao texto que lê, ao escrever expor idéias claras para os interlocutores. Dessa forma a escola estará contribuindo efetivamente para o sucesso dos sujeitos que aprendem, muitas vezes, ela não tem cumprido essa tarefa, tem representado os poderes de uma minoria, e deixa de lado a maioria que sofre com a falta de recursos, com professores inexperientes e despreparados, para ajudá-los no domínio do ler e escrever, o que contribui para que alguns alunos fiquem em desvantagem com

outros que ingressam na escola com o conhecimento da língua materna e sofram preconceito numa sociedade cada vez mais excludente, conforme Soares (2006, p. 33): "... o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal, é sobretudo uma prática social..."

A cada instante as pessoas precisam utilizar o conhecimento que possuem, seja para localizar-se num determinado lugar, na discussão de uma manchete de jornal, fazer lista de compras, observar anúncios de cartazes, lê um livro, entre outros. Estas atividades em que a escrita está presente cotidianamente, em que os indivíduos utilizam estratégias diferentes para as diversas leituras que são feitas. Nesse contexto, exige-se que o indivíduo tenha acesso a escrita social dentro e fora da sala de aula, para que cada vez mais possa se familiarizar com a diversidade de textos, para produzir novas leituras, com diferentes enfoques, pois não se lê uma manchete de jornal da mesma maneira que se lê um romance, assim torna-se inadmissível que na escola a única leitura autorizada seja a do livro didático, no qual são veiculadas as idéias da classe dominante, que para Barbosa (1994, p. 115): "... a escola não tem levado em conta a existência desta escrita diversificada e a evolução das diversas modalidades de leitura..."

O grande desafio que a escola enfrenta nesses novos tempos, além de lutar contra a adequação do ideário neoliberal, que tenta implantar sua ideologia e transformá-la num grande mercado competitivo, como tem acontecido com as empresas é a mudança na metodologia que usa para levar os alunos a se apropriarem da leitura e da escrita, muitas vezes, utilizadas de forma mecânica na qual os aprendizes reproduzem o ensino do professor, sem que haja construção do conhecimento (FRIGOTO, 1985). Essas modalidades não podem ser tratadas como técnicas em que os sujeitos apenas decifram o código escrito é preciso que os alunos aprendam a manejá-las, com coerência e reflexão, sabendo que elas cumprem um papel social e por isso, não podem servir de ferramenta apenas para fins pedagógicos, mas também para fins políticos, como aponta Ferreira (1999, p. 70): "... a escrita é um objeto social, mas a escola transformou-a em um objeto exclusivamente escolar, ocultando ao mesmo tempo suas funções extra-escolares..."

É enganoso pensar que a escrita está restrita apenas a escola, quem assim procede estar a serviço dos dirigentes do poder, que pensam que a escrita pertence

a um grupo de *iluminados* e acabam agindo como muitos na Idade Média acreditavam que a escrita estava restrita aos monges, sem que a plebe viesse a ter acesso. A tarefa da escola deve ser de democratizar a escrita para que todos tenham acesso e sejam capazes de produzir textos e ao produzi-los mostrem que têm argumentos coerentes para defender suas idéias, que usem de persuasão para convencer os leitores a aceitarem seu ponto de vista, que busquem no texto soluções para os problemas, para compreenderem a realidade e compartilhem com outras pessoas novas descobertas sobre determinado assunto, confirmando o que diz Soares (2006, p. 34): "... alfabetismo envolve, assim, mais que apenas o saber ler e escrever..."

Diante de tantas transformações a que as pessoas estão expostas, tornou-se insuficiente o sujeito apenas saber ler e escrever é necessário que além de serem alfabetizadas sejam letradas, façam uso da leitura e da escrita nos diversos contextos sociais de uma cultura letrada, essas práticas devem ser incentivadas desde cedo nas crianças, para que as competências lingüísticas sejam desenvolvidas.

Fazer parte de um contexto social em que o conhecimento prevalece não é indício de efetiva participação, pessoas que não decodificam letras e sons, não conseguem fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos como os analfabetos, sofrem com o preconceito por não saberem ler e escrever e tentam sobreviver num ambiente marcado pelo conhecimento que o cerca a todo instante e ficam em desvantagens em relação a outros indivíduos, por uma condição social favorável tiveram a chance de estudar em boas escolas, dominam o código escrito, fazem uso da leitura e da escrita de forma proficiente, são os chamados indivíduos letrados, são os que têm efetiva participação em todos os segmentos da sociedade.

Na sociedade grafocêntrica existe a prevalência do discurso escrito sobre o oral (BARBOSA, 1994), no qual dominar o código escrito é sinônimo de poder, pois quem sabe mais, pode mais. Conseqüentemente aqueles que não dominam a escrita estão na condição de subjugados e a margem da sociedade, sem chances de ascender socialmente. É através das palavras que os poderosos seduzem as massas populares para envolvê-los em seus discursos ideológicos e convencer os menos favorecidos. Contrária a essa prática, afirma Lerner (2002, p. 18): "... o

necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos...”.

A escola não pode se eximir de sua função, ela precisa formar leitores e escritores proficientes, que tenham visão de mundo, senso crítico para ler e produzir textos. É importante que se faça um trabalho elaborado no sentido de que para o aluno, escrever não seja sinônimo de sofrimento, mas de prazer, pois durante muitos anos, aos educandos foi negado o direito de produzirem seus textos, para tão somente reproduzir e copiar o que o professor escrevia no quadro, transformando momentos de descobertas, prazer e envolvimento com a escrita em atos mecânicos que não contribuí para a construção do conhecimento. Segundo Barbosa (1994, p. 138): “em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações adequadas de leitura às crianças, situações essas que sirvam a objetivos específicos...”.

O professor é um dos responsáveis por desenvolver o comportamento leitor nos alunos, instigando-os a desenvolver estratégias importantes para culturas letradas, as práticas de leituras devem ser orientadas com um fim específico. Quando é requerida do aluno uma leitura informativa, a metodologia empregada não é a mesma que se utiliza para uma leitura por prazer, em que as estratégias usadas são: escuta atenta dos alunos e leitura em voz alta. Assim ao planejar as aulas é necessário que os professores tenham essas idéias claras, para que os educandos estejam envolvidos nos vários tipos de leitura existentes, tornando o ambiente propício para a aquisição de novos saberes.

Em meio a tantos embates ideológicos na área das Ciências Lingüísticas fica claro que é preciso fazer uso autônomo da leitura e da escrita (BARBOSA, 1994), para adequar-se as demandas de uma cultura letrada, sem o domínio dessas competências as pessoas sofrem com o preconceito por não serem aceitas numa sociedade em que o conhecimento é um patrimônio de grande valor, na qual a escrita é privilégio de uma minoria, que domina e exclui os pobres, por serem analfabetos ou por não terem as habilidades lingüísticas desenvolvidas.

2. Metodologia

A escolha do tema leitura e escrita deu-se quando elaborei o esboço de projeto, que seria o início dos estudos, para a posterior concretização da monografia, exigida para os que estão concluindo o curso de Pedagogia. A escrita desse trabalho é o momento mais angustiante para os graduandos, pois exige todos ou quase todos os conhecimentos acumulados ao longo do curso, além da cobrança dos professores e do próprio aluno, para escrever um trabalho de qualidade e relevância para o meio acadêmico.

Feita a escolha do tema, procurei autores que pesquisaram e escreveram sobre o assunto. A seleção bibliográfica iniciou-se com livros que tratam de leitura, como: **O que é Leitura, Oficina de Leitura, Estratégias de Leitura, A importância do Ato de ler: em três artigos que se completam e Aprender a Ler e a Escrever: uma proposta construtivista**. Porém, o tema tomou proporções maiores que o imaginado, foi necessário ir ao cerne do problema, para compreender porque as crianças têm dificuldades na leitura e escrita que se reflete de forma negativa na alfabetização, prejudicando a compreensão e produção de um texto, dentro da norma culta.

Então estudei o livro considerado a base da alfabetização, pois tudo que tenho lido sobre o assunto tem como referência a **Psicogênese da Língua Escrita**, além deste li outros na mesma linha de pensamento, tais como: **Reflexões sobre Alfabetização, Com todas as letras e Didática do Nível Alfabético**.

Cogitei mudança de tema do trabalho, depois que os dados foram coletados na pesquisa, percebi que os alunos liam e escreviam, porém tinham dificuldades para compreender os textos. Assim o tema mais adequado seria letramento, porém essa idéia foi deixada de lado, levando em consideração pouco tempo disponível para dedicar-me ao estudo, o trabalho exigia uma elaboração minuciosa de confrontação entre alfabetização e letramento, daí ficou para outro momento.

Ao longo dos meses, outras leituras foram acrescentadas as que existiam sobre leitura e escrita, além de sempre voltar para os livros lidos, para uma perfeita consolidação do tema e adicionando novos saberes. Como novos autores que ouvia falar, mas não tinha nada sobre eles, isso me aguçava o interesse para continuar os

estudos e ter uma visão ampliada sobre o tema, como também enriquecer o trabalho.

Se fizermos uma análise detalhada sobre a temática leitura e escrita, percebemos que ela é apropriada para o curso de Letras e não para a Pedagogia, são necessários conhecimentos lingüísticos para escrever sobre o tema, o que não é visto nesse curso, daí ser difícil a escrita do trabalho. Muitas pessoas de Letras me perguntavam se paguei cadeiras no curso para ter escolhido esse tema e não outro, respondia não, foi por identificação, pois vejo como necessário que o pedagogo conheça a estruturação da língua portuguesa.

Às vezes fico a refletir sobre a forma como as crianças estão sendo alfabetizadas. Os métodos utilizados pelos professores, o quanto está distante da realidade da sala de aula, se comparado com o que os teóricos escreveram sobre a alfabetização e como as crianças em suas concepções são seres de um conhecimento cognitivo superior, muitos professores não têm preparo para perceber o potencial delas. Como deve ser emocionante pegar uma criança sem nenhum conhecimento sobre a escrita e trabalhar de forma que esta venha a aprender a ler e a escrever.

Nessa escrita monográfica, percebi com a ajuda dos teóricos o contrário do que pensava quando lia um livro, um artigo acadêmico, uma notícia de jornal, entre outros. Aprendi que é preciso compreender o que se lê e não somente decodificar as letras. Isso foi algo que servirá para redimensionar minhas concepções e a partir desse ponto levar essas mudanças para os futuros alunos.

Para compreender como ocorre o processo de leitura e escrita nos alunos, foram utilizados como instrumento de coleta de dados **testes de leituras**, tomando por base os que a pesquisadora Emília Ferreiro (1985), aplicou com crianças argentinas. Apesar de não serem iguais aos dela, serviram de modelo para coletar os dados da pesquisa.

Ao escolher os textos para serem aplicados, optei a princípio pelos da Arca de Noé, de Vinícius de Moraes e alguns poemas, porém houve algumas mudanças, considerando a pouca familiaridade dos alunos com esses textos, eles deveriam ser lidos com entonação diferente dos demais. Então os textos escolhidos foram aqueles que apresentavam pouca dificuldade lingüística, até porque não conhecia o

nível da turma. Outro agravante levado em consideração, é que os textos não poderiam ter palavras em inglês para não dificultar a aplicação dos testes, entretanto, analisando alguns livros didáticos esse critério não existe o que se vê são palavras difíceis para as crianças lerem.

Para que houvesse segurança no momento de aplicar os testes foi comunicado a então orientadora Idelsuíte de Sousa, que seria feita uma simulação com duas crianças, posteriormente foram dadas novas instruções. Depois foi realizado um teste-piloto com três crianças da escola, para na semana seguinte ser aplicado com os demais alunos.

Os testes de leituras e a interpretação de textos eram os instrumentos mais adequados para identificar em que nível de leitura os alunos se encontravam. Para isso, o teste aplicado foi um texto com um parágrafo, outro com dois parágrafos e um texto com uma lauda, em que inicialmente os alunos liam e depois lhes era perguntado o que haviam compreendido do que tinham lido.

Os alunos eram chamados um por um para realizarem o teste. Foram entregue aos alunos os textos digitados, eles liam e era registrado em um caderno previamente preparado com o nome do(a) aluno(a), idade para saber se havia distorção série/idade e a série que estavam cursando. Esse procedimento deu-se para todos os sujeitos da pesquisa. A partir dessas informações foi realizada a análise dos dados, os quais foram tabulados e discriminados minuciosamente, contendo informações pertinentes as palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas, polissílabas e dígrafos, especificando em percentual a qualidade com que realizara a leitura. Foram, usadas fundamentação teórica do Guia Teórico do Alfabetizador, para analisar as falhas cometidas pelos alunos, por estar adequada à área da Lingüística o livro foi importante para dar esse suporte. Para complementar esses textos, foram aproveitadas atividades escritas realizadas durante o estágio, as quais compreenderam produções textuais realizadas pelos alunos, a partir das explicações dos conteúdos. Todos os dados foram analisados tendo por base os teóricos lidos durante a realização da pesquisa, os quais foram importantes para a realização da análise.

3. Análise dos Dados

Para muitos a leitura de um livro é algo maçante e enfadonho, por isso as pessoas não conseguem adentrar num mundo cheio de sonhos e magia, para desfrutar de uma leitura prazerosa. O ato de ler constitui um processo que envolve alguns aspectos como: conhecimentos lingüísticos, cognitivo, decodificação, inferência, predição, seleção, entre outros. São dessas estratégias que o leitor autônomo deve fazer uso para que a leitura torne-se compreensível. De acordo com Kleiman (1998, p. 51): "a característica mais saliente do leitor proficiente é sua flexibilidade na leitura".

O leitor autônomo lança mão de vários caminhos para conseguir compreender um texto, isso é o que o distingue dos demais, pois ele consegue adentrar no pensamento do autor, para conseguir entender o texto. Essa maneira de compreender o que ler, é uma realidade distante da grande maioria das pessoas no País, o que se deve a herança de um ensino pautado na cópia e na reprodução.

Devido a essa deficiência no ensino da leitura em escolas brasileira, pôde-se perceber que existe um longo caminho a percorrer, para que os alunos tornem-se leitores capazes de compreender o que lêem. Isso ficou claro na coleta de dados realizada com os alunos do ensino fundamental. Apesar da disponibilidade que todos tiveram em se submeter ao teste, mesmo muitos não entendendo o que estava acontecendo.

O fato de os alunos por ocasião da coleta de dados se disporem a realizar uma leitura oral e manifestarem seu entendimento sobre o que liam, por si só já constitui uma especificidade na análise, pois a pesquisa destinava-se a saber em que nível de desenvolvimento da leitura os alunos estavam. Apesar da coleta de dados, ter se dado de forma atípica, pois o ideal seria uma disponibilidade de tempo maior para a aplicação dos testes, o que na verdade não houve. Os dados foram coletados em dois dias, em média de duas horas, para cada dia, tempo insuficiente para uma coleta mais aprofundada. Ainda assim alguns elementos nos chamaram a atenção. O interesse que os alunos demonstraram em realizar o teste e a forma positiva com que responderam as estratégias metodológicas utilizadas em sala de aula.

No exercício da leitura foi possível perceber que vinte e dois alunos apresentaram dificuldades ao lerem palavras monossílabas, como: **quem, fez, em**, entre outras. Isso pode ter acontecido, porque conforme Lemle (1998, p. 9): "... as diferenças entre as palavras **fez** e **tez**, por exemplo, está apenas na qualidade da consoante inicial: o [f] é uma consoante fricativa, enquanto a consoante [t] é enunciada sem voz..."

As diferenças lingüísticas e as sutilezas que existem na língua portuguesa dificultam a aprendizagem de determinadas palavras pelos alunos, pois o modo de articular as vogais e as consoantes é diferente. Porém a aluna A aparenta não ter dificuldades com as palavras como mostra o exemplo: **"os vasos sangüíneos são as veias e as artérias e formam tubo. A circulação do sangue é dividida em cavidade."**

Para um aluno que se encontra no processo de alfabetização, as diferenças sonoras de vogais e consoantes tornam-se um empecilho para que obtenha êxito nesse processo tão importante para as pessoas.

Se a "alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas e vice – versa..." (Soares, 2006, p. 16), o professor enfrenta o dilema de ensinar para os alunos os passos que farão com que, no final do ano letivo eles estejam alfabetizados, para isso é preciso ter conhecimento teórico, planejar as aulas de maneira que os alunos tenham contato com vários textos e paciência, pois os resultados são demorados. Como mostra o exemplo abaixo do aluno B.

O mosaico pode ser feito com EVA, papel colorido e pastilhas de porcelana.

O mosaico também pode ser feito com azulejos, cerâmica como no calçadão de Copacabana é feita de mosaico de cerâmica.

(feito, com, ou, pastilhas, porcelana, azulejos, calçadão, Copacabana, cerâmica).

No exemplo acima algumas pessoas poderiam pensar que o aluno tem sérias dificuldades com a escrita. O que não é verdade, o que ele apresenta são dificuldades ortográficas, que precisam ser trabalhadas, para escrever de forma correta. É bem verdade que, sua escrita apresenta conflitos cognitivos que, à

medida que o educando for amadurecendo irá superá-los, como afirma Ferreiro (1985, p. 213):

a escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a "barreira do código", compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores [...]: a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita...

Ao chegar à hipótese alfabética a criança atingiu o ápice da evolução na escrita, que se inicia com a hipótese da quantidade mínima. Agora é preciso compreender que existe na língua materna, a correspondência entre letra e fonema e uma letra para mais de um fonema. Essas particularidades da língua serão compreendidas quando o professor for capaz de entendê-las e explicá-las para os educandos.

Dos vinte e seis pesquisados, 88,46%, que corresponde a vinte e três alunos, apresentaram dificuldades ao lerem palavras dissílabas, como: **morte, culpa, vovó**, entre outras. Os alunos que pronunciaram a palavra **mortí**, provavelmente escreverão da mesma forma, como mostra o fragmento abaixo da aluna C: "**As pessoas que fumam pode e causar muitas doenças como: infarti, AVC, e câncer no pulmão de 100% de vida que as pessoas tem os abitantes que fumam tem 50%**". (podem, infarto, habitantes, têm).

Desse modo fica evidente que a aluna é vítima das complicações da escrita, pois não consegue fazer uma distinção entre os diferentes sons e a posição que a letra ocupa em determinada palavra. Dificuldades como estas podem parecer irrelevantes para alguns, mas se não forem corrigidas a tempo, poderá tornar-se, no futuro um obstáculo para a escrita, o que segundo Lemle (1998, p. 18): "se a vogal [i] está numa sílaba átona final de palavra ela corresponde à letra e, em nossa ortografia. É o caso de vale, corre, morte etc."

As crianças e alguns adultos ao pronunciarem uma palavra que termina com a vogal e, elas provavelmente pronunciam e transcrevem como se fosse um i, esse fato se dá porque no sistema de escrita, existem letras que de acordo com a posição que ocupam na palavra correspondem a outros sons.

Essas dificuldades precisam ser sistematizadas pelo professor de maneira que os alunos aprendam as correspondências entre letras e sons, como mostra o caso do aprendiz D:

O mosaico e uma peça rara e bonito ele é feito pelo evea papeis coloreados e usado evea a cola e um papel para faze o mosaico fiabras seramicas pastilhas mas a peça mas melho e o evea.”

(é, bonita, EVA, papéis coloridos, EVA, fazer, fibras, cerâmicas, melhor, EVA).

A alfabetização é uma fase em que muitos professores não estão aptos para ensinar. É preciso uma capacitação para ajudá-los a superarem as situações de conflitos, com que se deparam em sala de aula, pois como afirma Lemle (1998, p. 05): “... o professor das classes de alfabetização é, de todos, o que enfrenta logo de saída os maiores problemas lingüísticos, e todos de uma vez...”

É imprescindível que o educador tenha habilidades lingüísticas para ajudar o alfabetizando a superar as dificuldades próprias da escolarização inicial, tais como: saber diferenciar letra de desenho, letra de números, que a escrita ocorre da esquerda para a direita, de cima para baixo, os tipos de letra (cursiva e de impressa). Além disso, deverá entender que no sistema ortográfico, prevalece à correspondência entre grafema e fonema, para que o sujeito se aproprie da escrita.

Na leitura de palavras trissílabas, como: **súdito, impostos, castelo, entre outras**, 84,61%, o que corresponde a vinte e dois alunos, todos pronunciaram a palavra **imposto** no singular. A vogal [o] foi pronunciada com o som fechado. Isso demonstra, provavelmente, pouco contato dos alunos com termos dessa natureza. Surge daí, a necessidade da professora levar para a sala de aula, diversos textos, para que os alunos possam se familiarizar e venham a ler e escrever de forma correta. Porém o caso da aluna E, mostra que sua escrita está adequada aos padrões estabelecidos pela escola, como vemos a seguir:

Eu entendi que fumante passivo é a pessoa que inala a fumaça que a outra pessoa está fumando o próprio fumante ativo é um fumante passivo quando está num lugar fechado ou seja ele respira involuntariamente a fumaça que acabou de expelir e aquilo aponta do próprio cigarro.

Ao produzir o texto a aluna deixa suas idéias fluírem sobre o tema. Ela aciona conhecimentos prévios, que tinha sobre o assunto, para produzir a escrita de forma clara e objetiva para seus leitores. Essa abertura de produções escritas deve ser cada vez mais incentivada nas escolas, para que os alunos se familiarizem e tomem gosto pela escrita. E todos tenham acesso a ela. A fala acima consegue transmitir de modo claro o que a aluna desejava como confirma Tfouni: (1997, p. 11): "... a escrita tem por finalidade difundir a idéias (principalmente a escrita impressa). No entanto, em muitos casos ela funciona com o objetivo inverso, [...] garantir o poder àqueles que a ela têm acesso...".

A escrita é um instrumento poderoso para quem a domina. As idéias propagadas por meios escritos deveriam ser de todas as camadas sociais, porém na prática ocorre o inverso, ela está quase sempre restrita a um público reduzido e propaga a ideologia dos poderosos, excluindo assim aqueles que têm pouco acesso aos meios de divulgação.

Um total de 80,76% ou vinte e um alunos pronunciara palavras polissílabas, como: **conversava, experimentando, preocupava**, entre outras, com certa dificuldade. Palavras como estas são difíceis de ler, pois os alunos acabam confundindo o som das consoantes [s] e [x]. Vejamos os exemplos dos alunos F e G.

Fumante passivo quando você cavive com uma pessoa que fuma. (aluno F)

Na cidade do Rio de Janeiro exixte muitas coisas feitas de mosaico janelas de edificios e de casa tem, um calçadão bonito feito de mosaico. (você convive, existe). (aluno G)

Esses problemas de escrita apresentados pelos alunos são facilmente contornados pelos professores, que estão habilitados a trabalhar de maneira que os façam superarem suas dificuldades e avancem na aprendizagem dos conteúdos,

pois confirmando o que diz Vigotsky (1994, p. 113): "... a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã."

No processo ensino-aprendizagem, o professor é de vital importância para fazer com que o aluno aprenda. Ele age diretamente na zona de desenvolvimento proximal, por meio do diálogo, da socialização e influência, levando o aluno a solucionar os problemas que surgem durante a aprendizagem.

Alguns alunos ao lerem palavras como: **cachorro, assustado, espelho**, pronunciam com supressão de letras, mas, em sua escrita esse fato não se confirma como mostra o exemplo da aluna H:

Professora Jozeneide esses 20 dias que a senhora estagiou com nós foram dias muito importantes aprendemos bastante coisas com você mesmo bagunçando um pouquinho, queremos pedir desculpa por alguma coisa e obrigada pela a aprendizagem.

A transcrição da escrita da aluna encontra-se no nível alfabético, porém é preciso que a professora continue a trabalhar com ela e os demais alunos algumas falhas, que os façam melhorarem na aquisição da escrita como afirma Grossi (1990c, p. 24): "... um aluno pode estar alfabético conhecendo pequeno número ou grande número de letras. Por isso, continuar trabalhando este reconhecimento pode ser necessário mesmo para alunos alfabéticos."

Mesmo que alguns alunos encontrem-se no nível alfabético, eles ainda apresentam problemas ortográficos e escrevem **camiza** ao invés de camisa. Isso se deve porque o sistema de escrita é formado por sons que dificultam a grafia das palavras. Cabe ao professor trabalhar com esses alunos a leitura e a escrita de textos que contenham palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas, polissílabas e dígrafos, para que venham a superar essas dificuldades. Como mostra o exemplo do aluno I:

Eu entedi que a pessoa que fumar podete varias doensas como AVC, caci no pulmão e emfarte.

O fumante passivo e pessoa que recebi a fumaca e pode fica doente.

As doencas queção e case na bexiga, case no pumão, case na farige etc.

(entendi, pode ter, várias, doenças, câncer, infarto, fumaça, doenças, que são, câncer, câncer no pulmão, câncer de faringe).

Esse fragmento do aluno I, expressa bem o que Grossi (1990c, p. 34) fala: "... ao chegar ao nível alfabético, há alunos que lêem ainda produzindo escrita silábica...". Este aluno acima apesar de está no nível alfabético sua escrita encontra-se na hipótese silábica. Mais uma vez as estratégias utilizadas pelo professor farão com que os alunos compreendam o código escrito, para produzirem melhor os textos

88,46% dos alunos pesquisados, num total de vinte três, que fizeram o teste de leitura, obedeceram à pontuação existente nos textos. No dia-a-dia em sala de aula, durante o estágio, percebeu-se que os alunos ao escreverem seus textos demonstram preocupações em obedecer à pontuação. Vejamos o exemplo da aluna J.

Eu enteni que o fumo traz riscos a saúde como infarto, AVC que quer dizer acidente vascular cerebral, cancer de pulmões.

As pessoas podem fumar cigarro, charuto, cigarrilho entre outros.

O fumante passivo é aquela pessoa que absorve a fumaça que a outra pessoa está fumando. E pode acabar doente.

(entendi, câncer de pulmão, podem fumar, cigarrilha, podem).

Casos como esse mostram que esta aluna tem uma preocupação com a estrutura lingüística, o que a faz produzir um texto com qualidade, tanto no sentido sintático como no semântico.

Com relação a leitura dos vinte e seis alunos analisados, o que corresponde a um percentual de 50%, ao serem submetidos aos testes de leitura leram de forma lenta, enquanto que, os outros 50% fizeram uma leitura rápida. Os alunos que levaram mais tempo para ler os textos, precisam superar algumas dificuldades no processo de alfabetização, pois como afirma Lemle (1998, p. 40): "... o aprendiz

ainda está na fase de dominar as capacidades prévias da alfabetização, as falhas cometidas são leitura lenta, com soletração de cada sílaba...”

O aluno que comete essas falhas ainda, se encontra no nível elementar da alfabetização, para tanto, precisa superar a leitura lenta e a soletração, para que o domínio do código escrito seja efetivado. Essa superação se dará, quando ele passar de um estágio de desenvolvimento de leitura elementar, para um estágio mais avançado. Desse modo, é de suma importância a presença do professor para a superação dessas dificuldades que os alunos apresentam.

Um dos elementos da língua oral observado na coleta de dados foi à entonação da voz. Nos testes aplicados, 53,84%, que corresponde a quatorze alunos, possuíam uma entonação correta na leitura dos textos, apenas 46,15% ou seja, doze alunos leram com voz muito baixa. De alguma maneira os alunos que procederam dessa forma prejudicaram sua leitura pela baixa entonação. A leitura em voz muito baixa parece indicar que o leitor não domina o código escrito.

Já para os 38,46% dos alunos, o que corresponde a dez tiveram dificuldades ao pronunciar a conjunção **mas**, trocando pelo advérbio **mais**. Alguns alunos que fizeram essa troca ao ler, também procederam da mesma forma semelhante, na escrita, como mostra o trecho abaixo da aluna L:

fumante passivo é quando inalar a fumaça do cigarro, cachimbo, xaruto, cigarrilha etc. Você pode não fumar mais se pelamenas conviver com uma pessoa que fuma você é um fumante passivo...”

(charuto, pelo menos).

De acordo com Lemle (1990, p. 30), isso pode acontecer pois, “uma língua na qual a conjunção adversativa **mas** ganha uma pronúncia abstrusa, anasalada, que tem o discutível mérito de torná-la diversa do advérbio **mais**.”

A correspondência entre som e letra de uma palavra é uma das maiores dificuldades que os alunos enfrentam em seu processo de alfabetização. Essa distorção de pronúncia pode ter a ver com os vícios de linguagens e faz com que o aprendiz transcreva a palavra da mesma forma que a pronuncia, precisando superar a teoria da correspondência entre letra e som, para avançar em outra etapa da alfabetização.

Um total de 34,61% dos participantes, ou seja, nove alunos tiveram dificuldades em pronunciar a palavra **a apresentadora**. A ocorrência desse fato deu-se, devido ao encontro de duas vogais idênticas muito próximas na palavra, o que dificultou a pronúncia correta da mesma.

Os testes analisados com 38,46% dos pesquisados o que equivale a dez alunos, demonstraram dificuldades em pronunciar os verbos **alertara e cantara**, eles pronunciavam alertará e cantar. Percebe-se que essa dificuldade enfrentada pelos alunos é causada pelos diversos tempos verbais, existentes na língua portuguesa, que servem de entrave para a aprendizagem. Segundo Grossi (1990c, p. 71): "... a ausência de seleção de dificuldades ortográficas amplia de muito as possibilidades de se produzir uma alfabetização com muito significado vital..."

Essas palavras apesar de serem difíceis para alguns pronunciarem, não devem servir de empecilho para que a alfabetização seja consolidada, pois os alunos desde cedo devem entrar em contato com novas palavras, para terem um repertório lingüístico ampliado, para isso é necessário que o aprendiz seja desafiado por meio de atividades que enriqueçam seus conhecimentos sobre a língua portuguesa.

Na aplicação e análise dos dados um fato relevante chamou-me a atenção e sinalizou para um dos problemas que na atualidade preocupa os teóricos: a pouca compreensão dos alunos ao lerem um simples texto.

Apesar dos alunos apresentarem graus de dificuldades, com algum grupo de palavras, devido nem todos se encontrarem no mesmo estágio de desenvolvimento de leitura e escrita, como também, cada aprendiz tem um ritmo para aprender, que difere uns dos outros. O que surpreendeu na coleta dos dados é que 100%, ou seja, vinte seis alunos não compreenderam o que leram. Como mostra o exemplo da aluna M, depois de ter lido o texto **o conto da mentira**, o qual fala de um menino chamado Felipe que inventava mentiras.

A mãe dizia para ele que o nariz dele ficaria igual ao do Pinóquio. O pai falava que um dia ele contaria uma verdade e ninguém iria acreditar, foi exatamente o que aconteceu. Felipe assistia a um programa de TV quando a apresentadora ligou para a casa dele, avisando que ele havia sido sorteado e que o prêmio era uma bicicleta, ele falou para sua mãe que fingiu não ouvir e Felipe deixou de ganhar a bicicleta.

Perguntei o que havia entendido do texto, ela respondendo: **“Que o menino mentia tanto/quando ele foi sorteado a mãe não acreditou”.** (aluna M)

Para que haja uma compreensão do que se lê, o leitor autônomo faz uso de estratégias, como: seleção, inferência, predição, decodificação, conhecimento prévio que possibilita o sujeito a tornar-se um leitor proficiente, sem esses mecanismos torna-se difícil a compreensão dos textos lidos, contrariando o que diz Solé (1998, p. 23): “... a leitura sempre envolve a compreensão do texto escrito.”

No caso da aluna acima, ela não usou essas estratégias para conseguir compreender o texto e ser uma leitora ativa que dá sentido ao que ler, demonstrando assim, uma lacuna deixada pela alfabetização. De acordo com Grossi (1990c, p. 36): “... muitos adultos que freqüentaram a escola [...] não conseguem interpretar a leitura de textos simples...”.

Na sociedade atual não ser capaz de compreender um simples texto, como uma história infantil que é contada para uma criança, não conseguir ler uma embalagem de um produto ou as instruções de um manual são ações que prejudicam a vida pessoal e profissional das pessoas. E esse é o grande problema da educação. São inúmeros os casos no País, de pessoas consideradas analfabetas funcionais, por não apresentarem essas características comuns aos indivíduos considerados alfabetizados, ou seja, para aqueles que conseguiram dominar os atos de ler e escrever.

Com o alto índice de analfabetos funcionais a realidade é desfavorável para a maioria dessas pessoas, muitas vezes, excluídas da sociedade, que vivem num mundo de miséria, subempregos, moram em áreas de risco, sem infra-estrutura e tem baixa auto-estima, dentre outras conseqüências, perdem a oportunidade de concorrer com outras pessoas que estão mais preparadas para assumirem um emprego melhor no mercado de trabalho, ficando sem chance de ascensão social.

Se o sujeito não consegue ler, escrever e contar de forma regular, perde o estímulo para estudar e a conseqüência disso é o fracasso tanto na escola quanto na vida. Assim não é apenas a pessoa que fracassa, mas a escola também em sua missão de desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

No Brasil foram criados programas sociais como Mobral, Alfabetização Solidária e Brasil Alfabetizado, com o objetivo de compensar parcela da população

que não teve a chance de continuar os estudos porque ingressou no mercado de trabalho cedo para ajudar no sustento da família. Essas pessoas são incentivadas a voltarem aos estudos, nesses programas governamentais, buscando atender suas necessidades pessoais, bem como a buscar ascensão social e novos conhecimentos.

3.1 Caracterizando a Escola Pesquisada

Esse trabalho mostra, de forma sucinta, as características mais importantes da Escola Municipal Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Pombal-PB, o qual divide-se em características gerais, estrutura administrativa e de apoio e estrutura pedagógica. Essas informações foram colhidas através do diagnóstico realizado no mês de outubro de dois mil e sete.

Atualmente, são atendidos setecentos noventa e um alunos, originados tanto da zona urbana quanto da zona rural, com o predomínio da zona urbana. Alguns alunos admitidos na escola migraram de escolas particulares. Pela manhã funciona o ensino fundamental I e II e a tarde, funciona apenas o ensino fundamental II.

Seis professores lecionam no ensino fundamental I, sendo que, dois têm curso superior e quatro possuem formação no magistério, enquanto os professores do ensino fundamental II, somam um total de nove, sete com Licenciatura Plena e dois ainda estão cursando. Atualmente três professores estão fazendo mestrado na cidade de João Pessoa. Os discentes do ensino fundamental I são concursados há sete anos, enquanto que, os do ensino fundamental II foram admitidos através de concurso público há um ano, ou seja, encontram-se em estágio probatório.

A escola tem uma boa aceitação da comunidade, isso reflete-se na procura dos pais para matricular seus filhos, o que faz com que a demanda seja maior que a oferta, isso contribui para que um dos maiores problemas enfrentados pela escola – a superlotação das salas de aula.

O estabelecimento conta com uma boa estrutura administrativa e de apoio para oferecer um trabalho de qualidade em que as funções são exercidas com

competências beneficiando a todos com os bons resultados. Para isso, conta com uma secretária experiente, concursada há mais de dez anos, com ensino médio completo; das auxiliares de limpeza uma é contratada com ensino fundamental incompleto e quatro concursadas há um ano, com ensino médio completo. Duas merendeiras concursadas há um ano, que possuem ensino fundamental completo, dois guardas, um contratado com ensino médio completo e o outro concursado com ensino fundamental completo.

No que diz respeito aos recursos materiais ainda deixa a desejar, a escola não possui máquina de xérox é utilizado o mimeografo para preparar as atividades e nem videoteca. Quando os professores precisam da televisão e DVD levam para a sala. A escola não possui biblioteca, os livros são guardados na secretaria, conta com um acervo de bons títulos, disponíveis para serem utilizados nas leituras e trabalhos; existe um laboratório de informática utilizado para trabalhar apenas com alunos portadores de necessidades especiais.

O núcleo gestor é formado por uma diretora com formação em supervisão; a vice-diretora tem Licenciatura Plena em Ciências e especialização em novas tecnologias, uma coordenadora pedagógica que atende a todas as escolas do município e duas supervisoras com especialização. É importante ter uma administração em que todos sejam capacitados para atuar em sua área, porém o papel do gestor é de suma importância para a instituição, ele(a) precisa conhecer as leis e normas que servem de parâmetro para uma educação de qualidade e garantir o cumprimento dentro da instituição, ter o conhecimento de políticas públicas e procurar envolver a comunidade nos projetos da escola.

O planejamento da escola é semanal em que todos participam, nesse trabalho existe uma meta a ser atingida: preparar a criança para ser um cidadão participativo na sociedade. Por meio do planejamento o educador procura melhorar sua metodologia para que a aprendizagem dos alunos seja significativa. Um planejamento em que o gestor, coordenador pedagógico e professores unem-se para oferecer um trabalho melhor, todos saem ganhando. Ao planejar deve-se ter em mente que as decisões tomadas precisam estar articuladas com o projeto político pedagógico.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Base, em 1996, tornou-se obrigatório toda escola ter um Projeto Político Pedagógico. Esse documento na

escola citada foi elaborado com a participação de todos os professores. Os projetos que foram planejados, alguns foram colocados em prática, outros ficaram inviáveis por falta de recursos. Não somente a elaboração, mas a implantação do projeto deve servir de elo entre escola e comunidade para a melhoria das condições locais, em que alguns elementos devem estar contidos, como: proposta curricular, formação de professores e gestão administrativa.

Se nas escolas o planejamento é uma prática pedagógica que garante a aprendizagem dos alunos, não menos importante que planejar as atividades é a avaliação do trabalho que foi realizado. Os professores se auto-avaliam, utilizam o planejamento para avaliarem sua prática, refletem sobre o que deu e o que não deu certo na aprendizagem dos alunos, o que precisa ser melhorado na metodologia para que os aprendizes estejam estimulados para aprenderem. Os alunos também fazem uma avaliação do desempenho dos docentes, por meio de fichas.

O trabalho da escola em conjunto com o entorno são ações que favorecem a aprendizagem dos alunos, a família é responsável em oferecer cuidado e proteção as crianças. Infelizmente pouco são os pais que procuram acompanhar o desempenho dos filhos na escola, eles não têm consciência do quanto isso torna benéfica a aprendizagem e a qualidade do ensino. Para tanto foram organizadas três reuniões com os pais. A primeira no início do ano com todos os pais, a segunda com os pais daqueles que se evadiram da escola, nessa houve um retorno bastante significativo. Cada um se reuniu com os professores para conversarem sobre os filhos. E a terceira ocorreu com os pais dos que tinham dificuldades de aprendizagem.

A escassez de recursos muitas vezes dificulta a realização de um trabalho mais elaborado, por isso não foi possível realizar o reforço que a secretaria de educação havia planejado para os alunos com dificuldades na leitura e escrita e em matemática. Anos atrás a secretaria promoveu um reforço, os monitores executavam o trabalho para recuperar aqueles que precisavam de uma atenção maior para não serem reprovados.

É relevante para uma instituição escolar ter uma linha de pensamento para seguir, seja ela tradicional, construtivista, crítico social dos conteúdos, entre outros, porém a escola não segue nenhuma corrente teórica pré-estabelecida. Ela mescla os pontos positivos das teorias, que melhor se adéquam a realidade dos alunos e

coloca em prática. Após a participação dos professores no curso de capacitação *Pró-letramento*, sentiram a necessidade de seguir uma corrente teórica e estudar em profundo a obra de pensadores como: Paulo Freire, Anísio Teixeira, Emilia Ferreiro, Vigotsky e outros, porém essa idéia do estudo não aconteceu. Mas a escola procura ajudar o aluno na construção do conhecimento, nada é passado de forma pronta, sem que analisem antes, levantem hipóteses e reconstrua o conhecimento.

Segundo a gestão a instituição tem desempenhado um bom trabalho na comunidade, de forma organizada, mesmo dispondo de poucos recursos. A união da escola com a comunidade é salutar para o desenvolvimento dos alunos e todos saem ganhando com a contribuição que cada um pode oferecer para melhorar o trabalho, levando em conta o contexto dos educandos, somente assim haverá aprendizagem significativa.

O único programa que a escola conta é com o bolsa- escola, atualmente esse programa sofreu modificações por parte do governo federal passou a chamar-se Programa Bolsa Família. O programa Amigos da Escola não existe na referida instituição.

Através do diagnóstico foi possível perceber o protecionismo que existe com a escola, isso ficou claro quando a diretora mostrou que o único problema existente era o da superlotação das salas de aula, pois em momento algum foram tocados em assuntos considerados nevrálgicos para as instituições, como indisciplina, violência, drogas, abuso sexual, entre outros. Para os que estão de fora às coisas acontecem as mil maravilhas o que não é verdade. Todas as escolas têm problemas, e a Escola Nossa Senhora do Rosário não é uma exceção a regra, claro que em menores proporções se comparada às escolas com porte maiores.

Apenas os alunos portadores de necessidades especiais têm acesso ao computador foi outro fato que chamou a atenção. Se na escola existem crianças com baixo poder aquisitivo, essa seria uma oportunidade de promover a inclusão digital.

Outro fator importante de ser destacado é a falta de espaço para criar uma biblioteca, o que torna difícil incentivar o hábito da leitura. Esse obstáculo compromete, em parte, o estímulo do aluno pela leitura.

3.2 Analisando o Estágio Supervisionado

Em sala de aula muitos professores, serão considerados psicólogos, mães, pais, amigos para enfrentarem os problemas que surgem, precisam utilizar saberes e buscar soluções para as dificuldades. Dentre estas está a indisciplina, que tornou-se um problema generalizado. Por um lado, os alunos não querem submeterem-se a autoridade do professor, por achar que esse está numa relação de superioridade e deve usar essa autoridade com imposições, exigências e ordens, esquecendo que a relação professor-aluno deve ser pautada na confiança e convivência harmoniosa. Por outro lado, os alunos vêm de uma família desestruturada, na qual o pai é alcoólatra a mãe é viciada em drogas ou é quem provê o sustento da prole. Todos esses problemas são levados para a sala de aula e reflete de forma negativa na aprendizagem do aluno.

Outro fator relevante no ensino-aprendizagem é a forma que os conteúdos são ministrados distantes da realidade dos alunos, causando desmotivação; quando deveriam servir para a vida do educando e não somente para fazer uma prova, pois como afirma Freire (2001, p. 11): "... a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela..."

Ao chegar à Escola Municipal Nossa Senhora do Rosário, no dia sete de outubro de dois mil e oito, alguns detalhes foram acertados com as professoras em relação aos planos de aula que ainda estavam pendentes. Em sala houve as devidas apresentações pela professora A, para depois começar a aula. O conteúdo para aquele dia foi o **artigo de opinião, Piercing, sim! Piercing, não!** no qual foi explicado as características do gênero textual a ser estudado.

No segundo horário a professora B achou por bem não participar da aula, para que eu pudesse desenvolver o trabalho com mais liberdade. Essa estratégia é muito boa, deixa os(as) estagiários(as) a vontade para desenvolverem as aulas que prepararam, pois quando os professores estão presentes cria-se um clima de tensão e nervosismo. Também as professoras C e D, procederam da mesma forma. Foi comentado o receio que existia de não conseguir dominar os alunos, pelo fato de ser uma estagiária a ministrar às aulas e não as professoras. Os docentes têm suas

estratégias para dominar os aprendizes, isso ficou claro ao longo dos dias. Elas disseram que a turma era boa, tinha interesse de aprender e que não haveria problemas.

É indiscutível o quanto a turma gosta de participar das aulas, de ler os textos, de responder as perguntas e exercícios que são feitos, até mesmo quando solicitados para pegar livros didáticos na sala dos professores, porém é necessário pulso firme para controlá-los, do contrário criam sérios problemas para a disciplina em sala.

A professora C pediu que revisasse o conteúdo **sistema circulatório**, pelo fato de outra professora e não ela ter ministrado, queria certificar-se da apreensão do conteúdo durante a exposição. Ao longo dos dias, a professora mostrou-se zelosa com a aprendizagem, ao perguntar se os alunos tinham realmente entendido o conteúdo. Falei que sim, levando em consideração as produções feitas por eles. Houve a orientação que não fizessem cópia, mas escrevessem sobre como entenderam o conteúdo debatido, em que foram utilizados livros ilustrados, contribuindo efetivamente para a aprendizagem. Os livros reproduzem os sistemas do corpo humano com muita precisão, aguçam a curiosidade e fazem um efeito positivo, as ilustrações são muito próximas da realidade.

No dia dez de outubro, poucos alunos vieram para a escola, ninguém soube ao certo os motivos que levaram a tamanha ausência. Devido ao número reduzido não foi possível aplicar uma atividade de história. A professora D achou por bem deixar para outro momento, em que todos estivessem presentes.

A professora A mostrou-se cada vez mais inflexível para ficar em sala, parecia ser a única a permanecer no recinto durante todo o estágio. Fiquei pouco à vontade para desenvolver o trabalho que estava proposto, apesar de saber que é uma responsabilidade enorme ao agir dessa forma.

No dia vinte e dois de outubro a aula de história foi bastante proveitosa, o assunto estudado foi a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, na Rede Oficial de Ensino. Ao longo das explicações os educandos ficaram sabendo que o dia vinte de novembro é comemorado o dia da Consciência Negra.

O aluno A anotou no caderno essa data e demonstrou interesse pelo conteúdo estudado. Nesse instante o aluno B deixou escapar um comentário preconceituoso com relação aos negros. Alguns esclarecimentos foram feitos para ele e os demais, como a mistura de raças que existem no Brasil e que ninguém deveria ter aquele tipo de pensamento, no país havia brancos, negros e amarelos. Disseram espantados: amarelo?

O debate continuou e a aluna B falou que a cor de sua pele era chocolate com leite condensado. A aluna C disse que sua cor era café com leite. Então falei que não assumimos nossa cor, com receio de sermos discriminados, os negros sempre foram rotulados de preguiçosos e ninguém quer ter sua cor associada a esses estereótipos. Conteí o exemplo de uma professora da Universidade que fez uma seleção para bolsistas e na hora de preencherem o formulário com os dados pessoais, algo chamou sua atenção, nenhum candidato assumiu que era negro. Com isso, ficou claro que as pessoas não assumem que são negras porque a sociedade discrimina. A aula chegou ao fim e sai com a sensação do dever cumprido. Cheguei a comentar em casa que a aula tinha sido boa.

Na aula de português do dia vinte e três, os alunos produziram um texto seguindo as características do artigo de opinião. Como sempre houveram muitas reclamações, dizendo que não sabiam produzir, mas no final todos escreveram sobre o tema. Chamavam de um lado para outro, para ver o que estava escrevendo. Algumas correções foram feitas na tentativa de melhorar os textos e foi explicado que na faculdade os professores fazem o mesmo, tentam melhorar a qualidade dos trabalhos, depois de recebido é necessário refazê-los para que tenham uma qualidade melhor. Isso acontece porque as pessoas têm sérias dificuldades para escrever.

A professora deveria ter explorado mais o artigo de opinião, para só então pedir uma atividade valendo uma nota. Poderia ter usado outro material para reforçar o ensino, depois pedi aos alunos para fazer um pequeno comentário sobre o tema estudado. Então seria feita a atividade e o rendimento da turma seria melhor e conseqüentemente a nota, os alunos demonstraram insegurança em reconhecer as características desse gênero.

Durante toda a manhã do dia vinte quatro a disciplina Artes foi trabalhada. Foi entregue aos alunos um texto que falava da História do Mosaico, eles tinham um

conhecimento prévio sobre o assunto, foram feitos alguns comentários sobre o texto. Então passou-se a trabalhar o conto **Aconteceu na Caatinga**. Depois de feita a leitura os alunos foram divididos em cinco grupos de seis componentes, para confeccionarem um livro utilizando a técnica do mosaico a partir do conto. Com a conclusão do livro os alunos fizeram uma produção textual, empregando as informações recebidas em sala de aula.

A aula de Português sobre verbos foi bastante proveitosa, os alunos conseguiram encontrar no texto *Punir é uma forma de educar*, palavras que indicavam ação, estado e fenômeno da natureza. À medida que as palavras eram encontradas explicou-se que se tratavam da classe de palavras chamada verbo. Depois eram escritas no quadro e a cada acerto dos educandos, era sempre uma alegria.

Na aula de matemática foi executada a dinâmica chamada Bingo das Frações, com a finalidade de introduzir o conteúdo de leitura de frações. Para a execução da dinâmica o procedimento utilizado foi à entrega de uma cartela para cada um. Conforme o algoritmo era chamado, quem o possuísse marcava na cartela. O vencedor era o primeiro que marcasse a linha superior da cartela. Essa atividade causou euforia aos educandos. Por serem receptivos com a metodologia empregada e interessados em aprender, geralmente as aulas de Português e Matemática eram proveitosas, os alunos participavam na hora de conjugar os verbos, produzir textos e na resolução dos exercícios de fração. O que tornava essa turma boa para desenvolver um trabalho de ótima qualidade, os alunos participavam efetivamente durante as aulas.

Na aula de geografia do dia três de novembro foi pedido para os alunos fazerem uma leitura sobre **os meios de transportes** e, explicarem o que haviam entendido. É preocupante a falta de entendimento que os alunos têm ao lerem um texto simples como o que se encontra no livro didático, ao qual não conseguem acrescentar nenhuma informação nova às já existentes. Se a escola não trabalhar para que os alunos tenham uma melhor compreensão do que leem acabará produzindo analfabetos funcionais. Para as sociedades letradas quem não consegue fazer uso da leitura e da escrita nos contextos sociais, sofre com a segregação (BARBOSA, 1994).

Os alunos ficaram inquietos nas aulas e para conseguir que prestassem atenção nas explicações era necessário um grande esforço, porém levei vantagem em relação a uma professora substituta, que no primeiro dia de aula estava desestimulada com a turma, dizendo que os alunos não respeitam ninguém, não prestam atenção na explicação e quebram regras na hora da aula. Com esse relato, considero-me privilegiada com a turma que escolhi pra trabalhar, embora a escolha tenha sido aleatória.

Na aula de Ciências os alunos participaram indo à frente para apresentar dados sobre o fumo. Todos queriam participar lendo os textos e relatando experiências de familiares fumantes. Foi interessante a discussão sobre as pessoas serem fumantes passivos.

Aproximava-se o último dia do estágio e já começava a dar saudades. Parte da aula transcorreu bem, depois chegaram às professoras com a diretora e os alunos começaram a ficar entusiasmados, com os presentes que traziam para me entregar. Jamais imaginei que fosse acontecer esse carinho, tanto das educadoras, como da direção da escola e menos ainda dos alunos, o choro de alguns e o pedido de outros para continuar. É interessante como o ser humano tem facilidade para apegar-se umas as outras, em tão pouco tempo foram criados laços de amizade.

Não me canso de falar para todos de como essa turma é boa para se trabalhar, é o sonho de todo professor ter tantas pessoas diferentes reunidas, mas com um desejo comum de aprender e sonhar com a possibilidade de um futuro glorioso.

É verdade que para todos estivessem reunidos foi necessário que a direção da escola e as professoras tivessem a sensibilidade de perceber, que se eles continuassem juntos como alunos desestimulados, a aprendizagem estaria comprometida. Talvez na visão de muitos a escola estivesse praticando a segregação com o outro grupo, porém acho que a iniciativa foi positiva para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obstáculos surgem na vida para provar as pessoas e torná-las mais fortes, não para desmotivá-las e enfraquecê-las. Ao longo do curso muitas dificuldades foram superadas, algumas mais, outras menos, porém conseguimos chegar ao seu término, o que deixará saudades. É também o início de uma nova etapa em que as cobranças serão maiores por parte daqueles que estiveram acompanhando essa trajetória na academia, esse é o primeiro passo para alcançar outros horizontes, em que surgirão novas oportunidades e a esperança de construir um futuro cheio de expectativas.

O presente trabalho tem por tema Leitura e Escrita: uma construção de sentidos. É fruto de meses de dedicado estudo, no qual foram feitas exaustivas leituras sobre alfabetização, leitura e escrita, para só então, começar a elaborá-lo, pois sem uma fundamentação teórica seria impossível qualquer pessoa escrever sobre esse tema.

A partir de observações, coleta e análise foi detectado o problema e procurei dar uma atenção especial a um assunto de extrema importância para os educandos do ensino fundamental, para os quais a compreensão leitora apresenta-se comprometida, dificultando o entendimento dos textos lidos e esse problema acaba por se refletir na má qualidade da educação, que exclui da sociedade aqueles que não fazem uso da leitura e da escrita nos diversos contextos sociais e, com isso produz o analfabetismo funcional em que as pessoas não conseguem entender um simples texto.

Nesta perspectiva é preciso procurar meios para amenizar o problema que causa o fracasso no início da escolarização, é inconcebível com tantas mudanças nas práticas de ensino atuais, existam pessoas com dificuldades de compreender o que leem, pois no contexto que estamos inseridos é preciso que o professor, crie um ambiente propício para a efetiva aprendizagem das habilidades de leitura e escrita, não mais nos moldes tradicionais, mas com a utilização de informações do cotidiano dos educando, para transformá-las em novos saberes, para desenvolverem essas competências.

Com os estudos feitos para produzir esse trabalho, percebi que em muitas escolas ainda existe a prevalência do método tradicional na alfabetização dos aprendizes, os professores utilizam exercícios de prontidão, em que as crianças apenas cobrem letras tracejadas, reduzindo essa fase a atividade que treina a coordenação motora, sem levar em consideração a capacidade criadora dos educandos. Ao invés de usar essa metodologia ultrapassada o educador deveria trabalhar como base da alfabetização o nome da criança em listas de nomes, frutas, brinquedos, entre outros, levando-os, assim a compreenderem o sistema de escrita.

Outra forma de abolir essa prática é trabalhar com textos variados, para que os alunos se familiarizem desde pequenos com os diversos gêneros textuais. Ao agir dessa forma o professor estará criando novas oportunidades para que os educandos, no futuro, tornem-se leitores e escritores autônomos, de maneira que usem os conhecimentos prévios nos textos que leem e ao escreverem exponham idéias claras para seus interlocutores.

Algumas práticas da escola precisam ser revistas, para conduzirem os alunos a uma autonomia tanto ao lerem como ao escreverem os textos. Aos poucos ela está acordando para os desafios que a sociedade globalizada impõe. Para isso é preciso que além dos alunos redigirem textos, como: narração, descrição e dissertação, o professor precisa levar os educandos a conhecerem outros gêneros e, ensiná-los a produzirem, pois ao escrever um texto é preciso ter em mente que outras pessoas irão lê-lo e precisam entendê-lo.

É lamentável que a escassez de tempo tenha comprometido a qualidade do conjunto desse trabalho, porém se houvesse mais tempo, talvez o resultado fosse superior ao que conseguimos, mesmo assim, vejo-o como um desafio para uma pessoa, que tem dificuldades em escrever, pois temos comprometimentos, que deve-se a uma herança em que os alunos memorizavam os conteúdos ao invés de terem a chance de construírem. Daí esse processo ser tão sofrido, porém importante para a construção docente, como aponta Jesus (2000, p. 39): "... me construo professora, cotidianamente, em diferentes instâncias nas quais tenho interagido, nas diferentes interlocuções que tenho feito..."

Os acontecimentos vividos ao longo desses quatro anos serviram para desmitificar a idéia de que ser professora é uma vocação e provar que é uma construção diária, me construo professora na convivência com os colegas e

professores da graduação, que foram os maiores responsáveis, juntamente com minha família e no estágio, em sala de aula com os alunos e docentes, que ao longo dos dias tornou-se um desafio para mim, por não ter nenhuma experiência com a docência, me fez refletir sobre o ofício de professor, uma profissão importante e digna, quanto de um advogado, engenheiro, médico, entre outras, porém desvalorizada, sofrida e discriminada, pois os profissionais de qualquer área passam pelas mãos dos professores até conseguirem qualificação profissional, mas poucos reconhecem o valor dos mestres.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2ª edição - São Paulo: Cortez, 1994- 2 ed. rev.

BRASIL. Lei nº 9394/96 de 20/12/96- **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasília(DF): Diário Oficial da União, nº 248 de 23/12/98.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003. Brasília-DF, publicado no Diário Oficial da União em 19/05/2003.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. 4ª edição - Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 24ª edição - São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Com todas as letras**. 7ª edição – São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42ª edição- São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1985.

GROSSI, Esther Pilar. **Didática da alfabetização vol. I**. 4ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990a.

_____. **Didática da alfabetização vol. II**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990b.

_____. **Didática da alfabetização vol. III**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990c.

JESUS, Regina de Fátima de. Entre alguns caminhos trilhados ou mares navegados, hoje sou professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. **Como tenho me tornado professora?** – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6ª ed. - Campinas: Pontes, 1998.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 13ª edição - São Paulo. Ática, 1998.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. – Porto Alegre: Artemed, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 4ª edição – São Paulo: Contexto, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª edição – Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 2ª edição – São Paulo: Cortez, 1997.

VIGOTSKY, Lev S. Implicações educacionais. In: **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS

Textos utilizados nos testes de leitura

Texto 1

Era um jovem pescador muito pobre, que vivia sozinho numa praia distante. Tinha um barco em que saía à noite para pescar e, no dia seguinte, vendia os peixes no povoado mais próximo.

Texto 2

A falta de imaginação não me faz diferente dos garotos da minha idade. Ela não está à vista como a falta de cabelo ou de uma perna e ninguém que me veja na rua ou na escola poderá dizer: “Lá vai um menino sem imaginação!”.

Texto 3

A roupa nova do rei

Esta história aconteceu há muitos anos, em um reino distante. Como em todo reino, neste também havia um rei. Mas ele não tinha tempo para os súditos, não se preocupava com impostos e muito menos com o castelo.

Ele era tão vaidoso que gastava horas em frente ao espelho e passava um tempão experimentando roupas e mais roupas.

Texto 4

O conto da mentira

Todo dia Felipe inventava uma mentira. “Mãe, a vovó tá no telefone!”. A mãe largava a louça na pia e corria até a sala. Encontrava o telefone mudo.

O garoto havia inventado morte do cachorro, nota dez em matemática, gol de cabeça em campeonato de rua. A mãe tentava assustá-lo: “Seu nariz vai ficar igual ao do Pinóquio!”. Felipe ria na cara dela: “Quem tá mentindo é você! Não existe gente de madeira!”.

O pai de Felipe também conversava com ele: “Um dia você contará uma verdade e ninguém acreditará!”. Felipe ficava pensativo. Mas, no dia seguinte...

Então aconteceu o que seu pai alertara. Felipe assistia a um programa na TV. A apresentadora ligou para o número da casa dele. Felipe tinha sido sorteado.

O prêmio era uma bicicleta: “É verdade mãe! A moça quer falar com você no telefone pra combinar a entrega da bicicleta. É verdade!”

A mãe de Felipe fingiu não ouvir. Continuou preparando o jantar em silêncio.

Resultado: Felipe deixou de ganhar o prêmio. Então começou a reduzir suas mentiras. Até que um dia deixou de contá-las. Bem, Felipe cresceu e tornou-se um escritor. Voltou a criar histórias. Agora sem culpa e sem medo. No momento está escrevendo um conto. É a história de um menino que deixou de ganhar uma bicicleta porque mentia...